



# O menino que amava o passarinho

Bartolomeu se apossa da infância que continua descalça na memória, cheia de deslumbramentos

**Até passarinho passa**, de Bartolomeu Campos de Queirós. Ed. Moderna, 32 páginas. R\$ 14,50

Márcio Vassallo

O tempo está sempre pousado no ombro da gente, feito uma ave sem sombra, sem garra, sem ruído. É a gente só percebe realmente que ele passou, quando esbarra em algum espelho, ou quando alguém muito próximo voa para longe. E, mas tem lonjura que aproxima as pessoas e tem proximidade que afugenta. A dor, a presença e a ausência variam de pele para pele. Os vazios de Bartolomeu Campos de Queirós, por exemplo, completam a vida dele e enchem a gente de beleza. Se é que alguém fica enche de uma vez. "Não escrevo o que sou. Eu escrevo o que me falta". Mas no seu novo livro, "Até passarinho passa", não falta nada. Pelo contrário, sobra encantamento para falar sobre uma saudade boa e doída.

Com um texto de dar-largueza no pensamento e ilustrações da talentosa Elisabeth Teixeira, o livro conta a história do menino que ficava paralisado de amor por um pássaro. Ou será que era o pássaro quem ficava de olho parado no menino? "(...) havia naquele tempo, entre tantos outros, um passarinho que eu mais amava. Ele chegava transportado por um voo raso. Pousava sobre a grade da varanda, olhando por todos os lados. Parecia querer estar só comigo, eu pensava com validade. Depois me pedía licença para entrar, como se precisasse. Eu, que aguardava ansioso sua presença, recebia sua chegada como se Deus me visasse. Percebendo meu consentimento, ele pisava o ladrilho frio e limpo. Andava com cuidado para não se machucar. Ele conhecia os perigos do chão. No ar não existe caminho traçado, todo

espaço é direção. Na terra sofre-se de muitos impedimentos. Não me podia nada, esse amigo amado, nem se mostrava interessado em mim. Nossa felicidade era maior: estar face-a-face, sem susto ou posse".

Bartolomeu Campos de Queirós se apossa da gente, e de uma infância que já passou, mas que continua descalça na memória, cheia de paisagens azeitadas, mistérios vagabundos, suposições, impossibilidades, deslumbramentos. "Nossa casa já não existe. Como tantas outras coisas, ela passou (...). Galhos do maracujá cresciam e se enroscavam com ternura na madeira do telhado. E suas flores, brinços roxos de princesa, viviam breves, dependuradas como estrelas em um céu babão que as mãos podiam tocar. O outro céu ficava muito longe e demandava tempo encontrá-lo. Eu não sabia se os frutos engoliam as flores ou se as estrelas se transformavam em frutos. Os olhos não davam conta de acompanhar as transformações. A natureza era lenta e os olhos muito alentos".

Assim, com o seu jeito sem pressa na superfície e voado na fundura, Bartolomeu tem conquistado um mundaréu de leitores há 30 anos. Nas suas palestras pelo Brasil, tão sedutoras, e nos seus li-

vros, tão apaixonantes, o escritor se espalha cada vez mais pela vida de crianças, jovens e pessoas de tudo quanto é idade. Autor de "Correspondência", "Faca aliada", "Por parte de pai", "Coração não toma sol", entre outros títulos inesquecíveis, Bartolomeu atravessa sonhos e suspiros. "O norte estava onde o desejo apontava", ele escreve em "Até passarinho passa", e revela que já desejava a beleza desde menino, sem clareza do motivo. "A beleza me sufocava (...). Falta sempre alguma coisa sem resposta, alguma interrogação sem desconfiar da pergunta (...). As faltas empurraram o Bartolomeu para a poesia. E poesia empurra a gente para o Bartolomeu.

Abaixo, listamos alguns livros publicados recentemente, capazes de encantar crianças e adolescentes ou de fazê-las sonhar ou pensar:

• **VÔO CEGO**, de Júlio Emilio Braz (editora Zeus): Com extremo cuidado, o autor conta a história de um jovem que morre de overdose.

• **ROSA MARIA NO CASTELO ENCANTADO**, de Erico Veríssimo (Companhia das Letrinhas): Mais um ótimo texto de Erico para as crianças,

sobre um castelo mágico, uma floresta encantada e heróis da literatura infantil. Ilustrações de Eva Furnari.

• **1,2,3 e JÁ**, de Luciana Savaget (José Olympio): História de um menino que perdeu o seu sonho. Ilustrações de Liliane Romanelli.

• **ENCANTAMENTO — CONTOS DE FADA, FANTASIA E MAGIA**, de Kevin Crossley-Holland (Companhia das Letrinhas): Coleção de contos divertidos e assustadores de Inglaterra, Irlanda, Escócia e do País de Gales. Ilustrações de Emma Clark.

• **O TOURO ENCANTADO**, de Ferreira Gullar (Salamandra): Pequenos contos criados por Gullar, misto de evocação e de fantasia. São epíslodios da infância do poeta, ricamente ilustrados por Angela Lago.

• **O SEGREDO DA CHUVA**, de Daniel Mundurucu (Ática e Sinal Verde): O menino Lua enfrenta seres alados, neste aventura que parece um mito indígena contado à beira do fogo. Ilustrações de Marilda Castanha.

• **CINDERELA**, recontada por Júlio Emilio Braz (FDT): Assim como fez com João e Maria e Rapunzel, Júlio narra esta história clássica dos irmãos Grimm respeitando o original. Ilustração de Salmo Dança.

• **CANTIGAS POR UM PASSARINHO À TOA**, de Manoel de Barros (Record): Texto de Manoel de Barros sobre a pintura da Ilha Marthas.

• **MAIS BRASILEIRINHOS**, de Lalau e Laurabeatriz (Cosac & Naif): Poemas sobre os bichos exóticos de nossa fauna, como o boto cor-de-rosa.

• **É TUDO INVENÇÃO**, de Ricardo Silvestrin (Ática): Versinhos sobre criações humanas, como o sapato, a piada, o futebol, o assobio. Delicadas ilustrações de Luiz Maia.

• **O OVO**, de Ivan e Marcelo (Nova Fronteira): Suspense envolvendo os animais de uma fazenda.

• **TIXA, A LAGARTIXA**, de Ricardo Leite (Nova Fronteira): Em seu primeiro texto infantil, o ilustrador Ricardo narra a história de uma lagartixa que vive na casa de um pintor.

## Eventos para as crianças

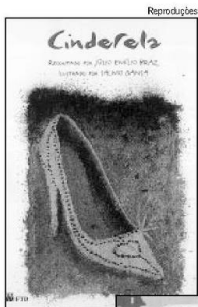
• **NO CCBB (Centro)** Celebrando seus 14 anos, o Centro Cultural Banco do Brasil preparou uma programação especial para comemorar o Dia das Crianças. Acrobacias, performances em monoclitos, contação, pernas-de-pau, esquetes teatrais e debates, além de laboratórios de criação e contadores da história, tomarão conta do Teatro III e da sala do Programa Educativo, nos dias 10, 11 e 12, sendo que no dia 12 os eventos serão gratuitos.

• **NA TRAVESSA (Rua Visconde de Pirajá, 572)**: No dia 12, a livraria abrirá as 10h. Durante todo o dia, um "clown" receberá os pequenos leitores e seus pais. A partir das 11h, serão distribuídos balões. Das 12h30m às 14h30m, contadores de história entreterão a criança.

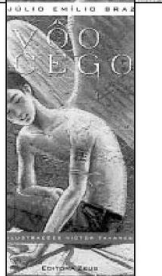
• **NO CASASHOPPING (Avenida Ayrton Senna, 2150. Barra)**: Dia 12, no Ca-

sashopping, o Fome Zero ganhará apoio dos restaurantes, que estarão distribuindo as revistinhas do programa para a garotada. E para "matar a fome" de saber das crianças serão montados cantinhos de leitura em cada um dos cinco restaurantes, onde serão distribuídos livros da Record.

• **NO MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIA (Rua General Bruce, 586. São Cristóvão)**: Além da mostra de vídeos, palestra, planetário inflável e do programa de observação do céu, o dia das crianças será comemorado com muitas brincadeiras e oficinas pedagógicas. Às 15h, por exemplo, haverá a Oficina Foguetes, quando serão lançados foguetes de vários tipos, movidos a água, a gás e até a vinagre.



**CAPAS** de alguns dos belos livros infanto-juvenis, magicamente coloridos e sempre contendo bons ensinamentos, que as editoras brasileiras prepararam para alegrar o Dia das Crianças



## Em Frankfurt, a nova literatura da Rússia

Jovem autor russo diz que a literatura de seu país ainda uma busca identidade própria

Grça Magalhães-Ruether

Enviado especial • FRANKFURT

A literatura russa renasceu depois do fim do comunismo, mas continua em busca de identidade, disse o escritor russo Vladimir Kaminer, um dos convidados de destaque da comitiva de autores da Rússia, o país homenageado na 55ª Feira Internacional do Livro de Frankfurt, na Alemanha. Segundo ele, por causa do longo período de isolamento, de mais de 70 anos, a transição na Rússia acontece de forma muito mais lenta que em países do Leste da Europa, como a Polónia, que só se tornaram ditaduras comunistas depois da Segunda Guerra. Kaminer, de 36 anos, que ficou famoso com o seu livro "A discoteca dos russos", diz que seu país ainda está longe de ser uma democracia no sentido ocidental.

**Pela primeira vez, Frankfurt recebe 150 autores russos**

O escritor e outros 149 autores russos estão em Frankfurt para o mais importante evento editorial do mundo que, pela primeira vez, presta homenagem à Rússia e este ano comemora a recuperação do número de

participantes (em 2001 e 2002, devido ao 11 de setembro, houve retração nas negociações). Para Kaminer, em sua busca de identidade, a literatura russa ficou mais complexa e diversificada do que era no comunismo.

Os últimos 11 anos foram uma época de busca de novos caminhos, de uma nova linguagem que, no caso de muitos escritores, é influenciada pela linguagem pós-moderna. Vários autores começaram como artistas plásticos. Em resumo, acho que a principal nova característica da literatura russa é que nossos escritores cultivam a liberdade mais do que em outros países. Talvez daqui a dez anos isso seja diferente, quando a transição do comunismo para a democracia ou para a sociedade capitalista já tiver sido superada.

No entanto, para o autor, na busca de novos caminhos os escritores enfrentam a auto-ilusão, pois, segundo ele, a literatura Rússia pode estar mais parecida com o que se faz na Europa Ocidental, mas nunca terá valores iguais aos dela.

— O capitalismo foi uma decepção. As pessoas tinham uma expectativa que não existia. E concluíam que o capitalismo não as deixa felizes, embora não queiram o comunismo de

volta — afirmou Vladimir Kaminer. — Até agora a Rússia não superou o período de transição do comunismo para a democracia. A crise inicial talvez tenha se atenuado economicamente, mas psicologicamente não houve uma superação. Nós estamos ainda, também em termos culturais, numa transição. Mas talvez a Rússia não venha nunca a ser uma democracia como na Europa Ocidental, por causa das diferenças culturais. Existe, por outro lado, um problema de definição. Há na Rússia pessoas que dizem que o regime ainda não é democrático. Mas o que é democracia? A Itália é uma democracia? Ela é vista como tal, mas o país é governado por uma aliança fascista. Silvio Berlusconi é uma personalidade, foi eleito pelos italianos, mas vale lembrar o que ele diz: que Mussolini era democrático e foi bom para a Itália.

**Literatura continua a ser anadada por todo o povo**

Com todas as dificuldades, Kaminer confirma, porém, que a literatura continua a ter um papel importantíssimo na Rússia, talvez mais importante do que em outros lugares do mundo. — Isso não significa que ela seja melhor do que em outros países,

mas, sim, que os livros são mais importantes para as pessoas do que na maioria dos outros países. Mesmo as classes mais desfavorecidas têm proximidade com o livro, que, por isso, é muito mais popular.

A literatura de massa e popular, segundo o escritor, já existia sob o regime comunista.

— A literatura de consumo é uma tendência que sempre existiu na Rússia. Sobre tudo as mulheres gostam de escrever esse tipo de literatura de consumo, que fala sobre o amor. Isso existe também em outros países, mas na Rússia elas produzem mais.

Na visão de Kaminer, apesar de a Rússia hoje estar enfraquecida e não representar mais uma ameaça atômica, como no tempo da Guerra Fria e do confronto permanente com os EUA, ainda é considerada uma superpotência por sua população. Quanto à Chechênia e às últimas decisões tomadas pelo presidente Putin a respeito, Kaminer observa que a insurgente república constitui um problema explosivo.

— A população russa está indignada com os últimos atos dos terroristas chechenos, mas também fica indignada com tudo o que tem acontecido na Chechênia. ■

### RODAPE

#### • AGENDA

Amãhã: "No caminho com Matkovski", de Eduardo Alves da Costa, às 18h30m, Argumento (Dias Ferreira 417). • Segunda, 13: "A Primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira", às 19h30m, Dom João (Pacheco Leão 836); "Cenas de mortes vulgares", de Erico Barbosa Lima, às 20h, Argumento; "A cidade — Que lugar é esse?", de Ronaldo Goulart Duarte, e "A sociedade e os ecossistemas", de Renato Vallejo, às 17h, aud. 11 da Uerj. • Terça, 14: "Mulher de minutos", de Mônica Montori, às 20h, Argumento (com recital de poesia); "Capoeira", de Guilherme Pregar, às 19h30m, Planetário da Gávea. • Quarta, 15: "Pedras d'água", de Iris Gomes, às 20h, Bistrô do Livro (B. da Torre 345); Coleção Descobrimos o Brasil: "O período das regiões", de Marco Morel, "A arte rupestre no Brasil", de Madu Gaspar, "As formas do espaço brasileiro", de Paulo Geiger, "Política externa e meio ambiente", de Lilian Duarte, e "Capital social", de Maria Celina d'Araújo, às 20h, Argumento; "A revolta da vacina", de Aquino e Tania Mittelman, às 19h, Livraria do Museu (Catete 153). • Quinta, 16: "Resende, a cultura pioneira do café no vale do Paraíba", de Celina Whately, às 20h, Argumento.

